

BRAZIL

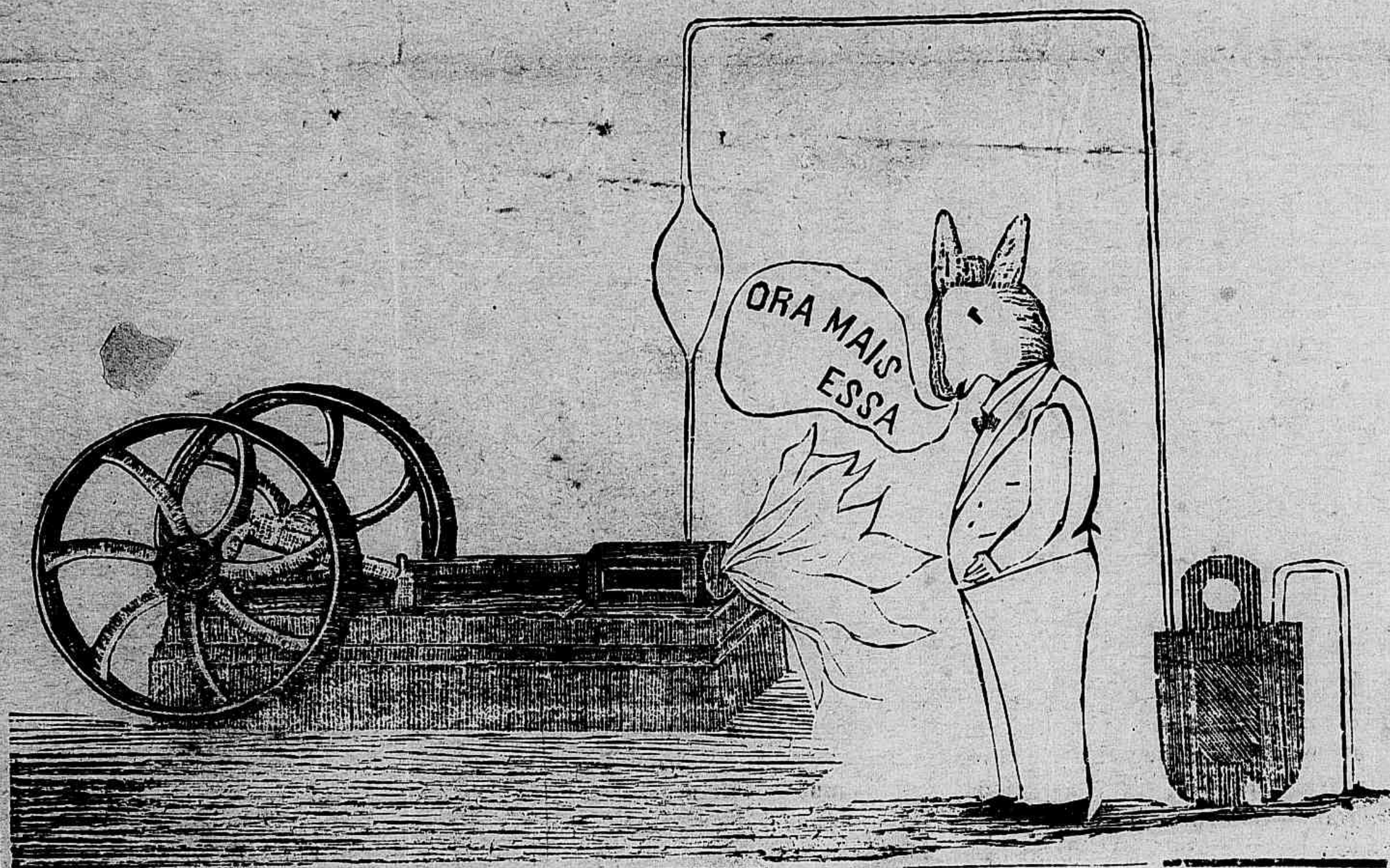
FIGARINO

Revista Humorística e Ilustrada

ANNO 1

Fortaleza, Domingo 22 de Setembro de 1895

NUM. 21



Mais uma experiencia feada na Estrada de Ferro



51-2.108

FIGARINO

Fortaleza, 22 de Setembro de 1895



CHRONIQUETA

Com certeza, agora vamos começar o fim do mundo !

E' a primeira vez que temos a honra de começar pelo fim sem acabar o principio.

Si m, porque o fim do mundo é um principio de engrossamento com o fim da bandalheira.

Um jornal diz e que um sab o contou que brevemente findava a terra o seu mandato, por ter completado o tempo.

Estas historias do fim do mundo, são os fracos recursos da bestialogia noticiaria da imprensa bisbilhoterra.

De cavillações já estamos fartos.

Mas para que fazer «pendante» com taes noticias, temos tambem historias de onças dos Inhamuns que são a mesma coisa

Um mez antes da consummação, temos que devorarmos-nos, temos de comer-mos-nos, tornando se toda esta calamidade um começo d'este principio.

— O rei do mundo é o dinheiro.

Logo que este suma se, nada circulará, nem cedulas nem cartões lavados.

Os açougues não apresentarão mais tuas bellas perspectivas «carbuncolicas» nem o publico verá as excellissimas ventas do magarela.

Desde que vamos morrer não precisamos mais comer.

O suicidio é tolice; porque morrer agora ou mais tarde não vale o caso.

E até é melhor morrermos juntos, em grossa pandega, indo as cambalhao as para o banquete dos vermes que des a vez indigestarão e tambem levarão o diabo, pois nem mesmo boticas nem «pilulas» teremos mais!

O bonds de Porangaba não chegaram ao Bem-fica, ficam no "Bem fica" da ponte de pão.

Os Puxados á porcos e arrastados por cocheiros que zurram alegremente,

serão preferidos pela demora da morte.

Nem mesmo as «coccottes» de lá do sumitico e feio arrebalde da nossa elegante capital, terão tempo de pôr um bond na porta meia hora, a sua espera, no avexame dos alfinetes.

Nada disto.

O diabo apparecerá de espêto quente, com cara de dragão do Averno, dizendo no passeio:

O DIABO

A mim, á mim, morenitas
Da noite é bello o luar,
Deixae os pês e as fitas
Oh! que carinhas bonitas
Só tenho para levar!

Dizei adeos á cidade
E aos mares verdes do sul—
Senhoras da Trindade
«U' yess», John Bull!

A barca é cheia do flores
Nas flores tem malmequeres;
Tem perfumes, tem amores
E coceira das mulheres!

Todos ficarão espantados, enquanto Belsebut, acalmará a turba de «encartolado» e «florebundos arrastapês» da Caia, continuando a fallar:

Vamos senhores, vamos
A' barca que dá prazer—
A' mim o padre e o escrivão,
Alfaiates vinde ver?!
Como fluctua a bandeira
De retalhos de ladroeira!

O PADRE

Protesto. Não te conheço
Faz-te cruz, aborreço.

O DIABO

«In illo tempore» tu tinhas
Os «corates» e os codários,
Camid mus e bib mus
Das despensas e casorios.
Já não se usam abbades—
Nem v garios de comadres.

O ESCRIVÃO

Ora essa. Que gracejo
O que tu queres de mim?

Q DIABO

Tu tens os teos protocollos
Tuas chicanas legais,
Processos a tiracollo
E outras cousas que taes.
E com mysterios da lei
Fazes couzas que bem sei.

Vamos lá p'ra serenata
A barca, á barca, senhores!
Vinde ver por entre as flores
Que me go luar de prata.

A' mim, á mim, morenitas,
Da noite é bello o luar!
Deixae os pês e as fitas—
Oh! que carinhas bonitas
Só tenho para levar!

Ataca rapazeada
Oh! donos de botequins—
Cabocins de «ta congada»
Dos lustrosos burzeguins,
Haja, haja baccanal
Malanges de Portugal!

BLACK.

LA GLACE ELEGANT

SAUDADE

Eu venho pedir ás aguas
Alivio p'ra minhas dores,
Núncias de meos amores
De minha terra natal.
Relembrar essas cabanas,
Sobre esses n'ôros de areia
Onde se cre na serena
Que ao maricheiro é fatal.

Fallar das manhãs da serra
Das tardes pelos couteiros,
Das praias e dos coqueiros
Dos prados do li oral,
E das cantilenas meigas
Dos inditosos amores,
Das filhas dos pescadores,
Das plagas do areal.

As agoas caminham sempre
Descendo com ligeireza
Vou pedir á correnteza
Que leve a patria uma flor
E lá quando a tarde finda
Ha de vir do mar um barco
Trazendo a rosa do charco
Lembranças d'um louco amor.

Que sonho. Esta phantasia
Nunca tive em minha terra,

Quando nos ombros da serra
Occultava-se o luar.
E brandamente fallavas
Nesse queixume amoroso
Como o queixume saudoso
Do velho e cioso mar.

Eu venho pedir ás aves
Que voam pelas campinas,
Suas azas pequeninas,
P'ra transportar minha dôr.
E lá, quando a tarde finda,
Hade vir sobre a jangada,
Na branca vela agarrada,
Lembrança de nosso amor.

C. S.

Mauáos, 10-7-94.

A MENINA DO VALLE DE ROSAS

PRIMEIRA PARTE

O caminho do crime

Uma carruagem parou na porta da casa de Helena, a rua Artin.

Saltou della ligeiramente Elvira Guinard, mulher de nosso herói.

Era uma elegante senhora de seus vinte e dois annos, muito branca, vestida em costume de viagem. Vinha só.

Helena recebeu-a nos braços.

— Viestes só?

Só. Estava anciosa.

— Viste-o?

— Não.

— Nem eu.

F foram caminhando.

Leu o meu telegramma?

Sim; mas não escrevestes.

Tive receios. Foi melhor tu vires. Como estão todos?

Como eu! agoniados!

Casa de jantar de tecto elevado, guarnecida de «gobelins» com um «buffet» esplendido alegrada com loiças bonitas e esplendidas baixelas.

Alli, cabiram nos «fauteuils»

O marido de Helena, era um inglez rico que viajava pela China. Era lord Sick, o maior desfasio que soltava a Grã-Bretanha.

— Helena gritou por Fauny:

Serve-nos o almoço!

Elvira recusava. A cunhada insistia. Que não fosse tola! Deixasse lá daquillo. Os homens eram umas serpentes e mesmo era preciso força porque parecia-lhe que iam lutar.

— Elvira contentou-se com uma perna de cotovia e comeu morangos distrahiadamente.

Houve algum silencio.

— Por fim, palitavam-se.

Mme. Stock. interrompeu o para dizer:

É simples o que vamos fazer.

— Como assim?

Pediremos auxilio a policia.

Achas que devemos fazer?

Irreflectidamente talvez.

— Isso nunca. Tenho muito receio de cousas de policia.

Comtudo será bom darmos uma volta pela cidade.

Sem ir agarrar a ninguem?

Sim.

É o ultimo meio de encontral-o.

Ora, ora; mas minha pobre amiga tu não sabes o que é Paris.

— Infelizmente;

— Felizmente!

Mas o que se conclue disto?

Que só um caso muito extraordinario, verdadeiro phenomeno, obrigou-o a interromper o regimen que tao bem adoptara.

Pensemos de outra forma. Supponhamos uma grande força de negocio.

Não tem?

Com quem entretia, elle relações commerciaes?

Com Dupont, estofador e Stammore capitalista e negociante de ouro a rua S. Honoré.

De ouro?!

Sim!

Helena fez-se branca. Lembrou-se de uma cousa; mesmo porque n'um movimento, a vaidade attrahiu a para um grande espelho. Lembrou-se do amor.

— Que tens?

Nada escuta. Acho bom irmos a policia.

— Que idéas tens tu.

Não sei, mas aviamo-nos que Francisco vem avisar-nos que o coupé está na porta.

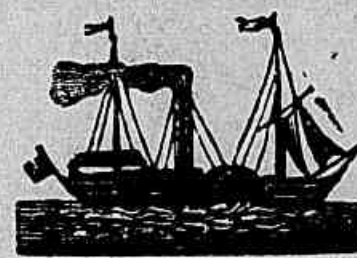
(Continúa)



LE LÃO

O agente João Crispiniano — fará leilão amanhã a meia noite, do material e moveis pertencentes ao finado e disfallecido difunto «Jornal da Tarde», para o que se convida meia cidade.

LAPIS TRAVÊSSO



NGROSAMENTO

Tivemos occasião de ver com os olhos que a terra fria ha de comer quando for tempo, o perfil da Iracema, no Club do mesmo nome, pintada e offercida pelo José Ireneu, nosso amigo e sympathico conterraneo.

Estavamos trajados de rigorosa *toilette*, todos impregnados de haubigant, bem com Deos e com as almas, e na botoeira e ate meio optimis-

Mas... apesar de todos os pezares pesarosos, não tivemos a mais agradável impressão, não podemos conseguir o mais poetico idyllo, não podemos concordar com o pintor sobre a verdadeira interpretação da Iracema, a encarnação mais palpitante da doçura, da simplicidade e do amor.

A Iracema deve ser mais bonita!

Aquella tem a protuberancia dos seios muito chic, neste ponto estamos de acordo, afinados no mesmo diapason, mesmo sobre o gosto da *toilette* poetica e selvagem e a *pose* chic que o inspirado pintor deo-lhe para agrado dos *clubmans* e regalo de nossa vista gorda.

Nada bôa a expressão do rosto, este espelho do coração que está longe do ideal de Jose de Alencare e do nosso tambem.

Si passassemos por junto de uma Iracema daquellas teriamos o gosto de dizer:

Morena tu gostas de mim Qual Ella responderia logo como os zulus.

Gosto de ti, mas é para te devorar! Ao passo que a verdadeira não é assim.

Responda nos por metaphoras, dá-nos cambicas de murcys e penças de bananas, fallando sempre nesta linguagem oriental peculiar á fortense da gemma; mas por meio de uma metaphora incendiaria, fazendo cóvinha no canto da barba, onde aninhado desejo aperitivo, quente cheio de pruridos e muitas coisas mais...

Não é

Ora si é!...

BLACK.



Enquanto o governo descança e dorme com a invasão estrangeira, Anapá é de novo invadido pelos *Francezês*.